

EDUCAÇÃO ECOLÓGICA E COMPORTAMENTOS PRÓ-AMBIENTAIS: UMA NECESSIDADE PARA PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE

Iahel Manon de Lima Ferreira[1]
Solange T. de Lima Guimarães [2]
Carlos Eduardo Matheus [3]



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Palavras-chave: Meio Ambiente. Saúde Ambiental. Qualidade Ambiental. Qualidade de Vida. Percepção Ambiental. Comportamento Pró-Ambiental.

As preocupações com saúde e meio ambiente fazem parte do nosso cotidiano desde os primórdios da humanidade, o que pode ser observado desde os registros bíblicos, como também nos relatos de Platão e Plínio na Antiguidade, e ainda de Hipócrates em sua obra “*Ares, Águas e Lugares*”, procurando assim identificar e analisar elementos e aspectos da paisagem que influenciavam na qualidade do relacionamento Homem/Meio Ambiente.(GUIMARÃES, 2005; FERREIRA; GUIMARÃES, 2007).

Nas décadas de 1970 e 1980, inúmeros movimentos organizados por instituições mundialmente reconhecidas como Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização Mundial da Saúde (OMS), bem como por diversos movimentos ambientalistas e organizações não-governamentais (ONGs), começaram a dar uma ênfase maior em questões como saúde, meio ambiente, desenvolvimento sócio-econômico e as relações estabelecidas entre seres humanos entre si e com o meio ambiente.

Dessa aproximação entre as áreas de saúde e meio ambiente começam a surgir termos que mesclam conceitos dessas áreas, como o termo *saúde ambiental*, referindo-se às implicações que a interação entre as pessoas e o ambiente edificado

podem ter para a saúde (MSMAA, 2002). Um dos indícios do nível de compreensão da melhoria da saúde ambiental é quando os responsáveis por determinados setores começam a notar que um problema de saúde que esteja afetando uma pessoa ou um grupo de pessoas não é um problema isolado e sim um problema que abrange toda uma comunidade. Assim, quando este problema passa a ser compartilhado por todos os membros de uma comunidade, os responsáveis envolvidos em sua resolução mostram-se mais dispostos a trabalharem em conjunto, em prol de uma solução para este problema. As ações para proteção do meio ambiente refletem também na proteção da nossa saúde (CONANT; FADEM, 2008).

Nas cidades, nota-se que as relações entre as pessoas e o ambiente urbano mostram-se mais alteradas, sendo perceptível através da elevada densidade demográfica, grande prevalência de ambientes construídos, a importação de fontes de energia, elevado volume de resíduos, a alteração da diversidade biológica nativa e dos principais ciclos biogeoquímicos (PHILIPPI Jr.; MALHEIROS, 2005).

As principais causas dos problemas de saúde ambiental são pontuadas pelas faltas e pelos excessos. As faltas estão relacionadas a não disposição do essencial necessário para uma vida saudável como água e ar limpos, solo saudável e florestas, abrigos seguros e confortáveis e condições de trabalho seguras. Os excessos dizem respeito a substâncias nocivas ou perigosas, tais como lixo, produtos tóxicos, poluição e alimentos nocivos. Esses problemas em geral são reflexos de hábitos de vida não-saudáveis, gerados a partir de uma sociedade que dissemina o consumo excessivo, a perpetuação das disparidades existentes entre as nações e no interior das mesmas, o agravamento da pobreza, da fome, do analfabetismo, da deterioração contínua dos ecossistemas (NISHIDA et al., 2004; CONANT; FADEM, 2008).

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2007), uma das principais causas de aumento das enfermidades não-transmissíveis em adultos jovens são os estilos de vida pouco saudáveis, podendo esses estilos ou comportamentos estar

relacionados entre si. Dentre esses, podemos destacar o hábito de fumar, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o uso de drogas, os acidentes de trânsito, as relações sexuais não-seguras, a violência, os estilos de vida sedentários, a nutrição deficiente, a precariedade dos serviços de saneamento básico, a questão da qualidade e acesso à água, poluição aérea e de outras classes e seus resíduos (GUIMARÃES, 2005; PHILIPPI Jr.; MALHEIROS, 2005).

A qualidade de vida é uma variável de grande interesse nessas questões, envolvendo uma construção social com todas as suas marcas de relatividade cultural e suas diversidades. De acordo com a definição da OMS (1995), *qualidade de vida* é “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”, podendo ser mensurada através de vários instrumentos, cada qual voltado para um enfoque específico da qualidade de vida. (MINAYO et al., 2000).

Em meio a esse contexto, outro relevante termo que permeia as esferas de saúde e meio ambiente é o conceito de comportamento pró-ambiental, cujos estudos têm sido caracterizados por estudos e pesquisas dos diferentes fatores culturais e psicológicos que descrevem a relação entre ambiente e o ser humano. O comportamento pró-ambiental pode ser compreendido como a predisposição dos indivíduos adquirirem uma consciência ambiental e realizarem ações em prol do meio ambiente em busca da sustentabilidade e da melhoria da qualidade de vida. O processo de conscientização dos indivíduos faz com que os mesmos passem desenvolver uma atitude crítica em relação às práticas individualistas e consumistas da sociedade e a uma busca coletiva pelo equilíbrio do meio ambiente e com o meio ambiente (CORRALIZA; GILMARTIN, 1996; CORRALIZA; MARTÍN, 2000; CORRALIZA; BERENQUER, 2000; CORRAL-VERDUGO, 2000; 2002).

Mesclando termos de saúde e meio ambiente, traça-se um paralelo entre a definição de ecossistema e o corpo humano como ambos sendo formados por “um

sistema de interação entre diferentes espécies que vivem num mesmo sítio” (CEZAR-VAZ, 2005). Dessa forma, é possível o entendimento de que cada indivíduo tenha que cuidar da saúde de seu ecossistema primordial: seu próprio corpo. Aos poucos, esse cuidado deve ir expandindo para as pessoas ao seu redor, aos espaços de entorno e assim por diante, vindo de encontro à definição de saúde proposta pela OMS (1946) como sendo o estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças.

Em estudo desenvolvido por Ferreira (2008) sobre o tema “Saúde, meio ambiente, qualidade de vida e suas inter-relações”, durante o período compreendido entre 2007 e 2008, e apresentado como monografia de conclusão do curso de Especialização em Educação Ambiental, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Matheus e co-orientação da Profa. Dra. Solange T. de Lima Guimarães, verificou-se que os profissionais da área da saúde demonstram um comportamento pró-ambiental pouco expressivo.

Em linhas gerais, o intuito da monografia foi proporcionar, pelo menos durante o preenchimento dos questionários, uma reflexão sobre comportamentos pró-ambientais, questões básicas de saúde – hábitos de vida, prática de atividade física, problemas de saúde e uso de medicamentos – e outra sobre qualidade de vida com o instrumento WHOQOL-bref. Assim, enquanto os participantes (profissionais da área da saúde e profissionais da área do meio ambiente) preenchem os questionários, puderam fazer um auto-diagnóstico de como estão algumas de suas próprias práticas de seu cotidiano.

Pode-se verificar através de uma declaração registrada em um dos questionários que foi possível evidenciar que o preenchimento dessas questões conseguiu levar alguns dos participantes a refletirem sobre suas ações: “Responder a esses questionários me fez refletir sobre minhas atividades diárias, como trabalho, relacionamentos, saúde e meio ambiente. Reorientou minhas escolhas, opções e convicções”.

Os comportamentos pró-ambientais foram avaliados de acordo com metodologia desenvolvida por Neiman (2007), onde o instrumento proposto encontra-se fundamentado nos estudos de Corral-Verdugo e Corraliza, onde se propõem avaliar o quanto os entrevistados estariam dispostos a praticar os comportamentos pró-ambientais através de dezesseis questões, sendo possível diferenciá-las em oito itens que são mais voltados à temática ambiental e oito itens mais gerais.

O grupo dos profissionais da área da saúde demonstrou pequena motivação para a maioria dos comportamentos, mesmo nas respostas que eram sobre itens mais abrangentes em relação a práticas conservacionistas, a exemplo da disposição de uma mudança pessoal dos hábitos de consumo, visitação de áreas naturais, menor uso do carro, reavaliação dos hábitos cotidianos de modo a economizar recursos, integração às outras pessoas, à espiritualização, ao cuidado de plantas e animais e à reciclagem do lixo, entre outras.

Na revisão da literatura, como possíveis explicações para essa pequena motivação dos profissionais da área da saúde, encontra-se que um dos problemas sobre o estudo do comportamento pró-ambiental e o papel preditivo das atitudes é derivado das deficiências no estudo das variáveis situacionais e as condições de interação entre essas variáveis e o tipo pessoal. Do mesmo modo, foi visto que a interação entre esses dois tipos de variáveis (pessoais e situacionais) geram condições de conflito entre atitudes e as possibilidades de ação oferecidas pela situação (ambiente físico). (GUIMARÃES, 2007). Estudos reportam que um número significativo de pessoas perceberam um conflito entre a disposição num nível pessoal para manter o comportamento pró-ambiental e a situação das condições que eles perceberam que afetaram a performance de tais comportamentos (CORRALIZA, BERENQUER, 2000).

A afinidade de um indivíduo em relação à conservação ambiental bem como o número de razões para se proteger o meio ambiente são indicadores significantes do

comportamento pró-ambiental responsável, podendo ser considerados requisitos pró-ambientais auto-impostos para cada indivíduo.

Em resumo, as competências de conservação ambiental são moldadas pelas exigências dos grupos sociais, os quais requerem o desenvolvimento individual e performances de habilidades conservacionistas ou preservacionistas. Uma pessoa com habilidades, porém que não é encorajada pelo seu contexto a proteger o meio ambiente, não será um indivíduo competente. Pessoas com habilidades vivendo em um contexto pró-ambiental serão pró-ambientalmente competentes.

Dessa forma, verifica-se a necessidade no contexto da educação ecológica, da criação de atividades que propiciem a transmissão de valores e crenças, proporcionando a motivação destes profissionais, no sentido de passarem a demonstrar comportamentos pró-ambientais. (GUIMARÃES, 2007; NEIMAN, 2007). Apenas depois da compreensão das possíveis conseqüências a médio e longo prazos e da análise de cenários futuros decorrentes, é que se conseguirá uma sensibilização, bem como estímulos favoráveis à motivação desses profissionais em relação ao comportamento pró-ambiental. O entendimento desse processo interativo irá facilitar, por um lado, o crescimento dos níveis médios do comportamento ecológico responsável e, por outro lado, a possibilidade de proposição de uma tentativa de explicação das diferenças no comportamento pró-ambiental num nível intrasubjetivo: a mesma pessoa pode atuar de maneiras diferentes em certas condições do que em outras.

REFERÊNCIAS

CEZAR-VAZ, M.R.; SOARES, M.C.F.; MARTINS, S.R.; SENA, J.; SANTOS, L.R.; RUBIRA, L.T.; COSTA, V.Z.; LUCILLO-BAISCH, A.L. Saber ambiental: instrumento interdisciplinar para a produção de saúde. **Texto & Contexto. Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 391-397, 2005.

CONANT, J.; FADEM, P. **A community guide to environmental health**. Berkley: Hesperian Foundation. 2008.

CORRALIZA, J. A.; BERENQUER, J. Environmental values, beliefs, and actions: a situational approach, **Environment and Behavior**, Beverly Hills, n.32, p. 832- 848, 2000.

CORRALIZA, J. A.; GILMARTIN, M. A. Psicología social ambiental: ideas y contextos de intervención. In: ALVARO, J. L.; GARRIDO, A.; TORREGROSA, J.R. (Coord.). **Psicología social aplicada**. Madrid: McGraw Hill, 1996. p. 409-426.

CORRALIZA, J. A.; MARTÍN, R. Estilos de vida, actitudes y comportamientos ambientales. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, Tenerife, v.1, p. 31-56, 2000.

CORRALIZA, J.A.; BERENQUER, J. Environmental values, beliefs, and actions: a situational approach. **Environment and Behavior**, Beverly Hills, v. 32, n. 6, November, p. 832-848, 2000.

CORRAL-VERDUGO, V. A structural model of proenvironmental competency. **Environment and Behavior**, Beverly Hills, n.34; p. 531-549, 2002.

CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento proambiental. **La psicología social en México**, México, v. 8, p. 466-467, 2000.

FERREIRA, I. M. L. **Saúde, meio ambiente, qualidade de vida e suas inter-relações**. 2008. Monografia (Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos). Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, São Carlos/SP, 2009.

FERREIRA, I. M. L.; GUIMARÃES, S. T. L. A contaminação de recursos hídricos por fármacos, **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, Vol. 7, n. 1, p. 938 Maio/2007.

GUIMARÃES, S. T. L. **Paisagens**: aprendizados mediante experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

GUIMARÃES, S. T. L. Nas Trilhas da Qualidade: algumas idéias, visões e conceitos sobre qualidade ambiental e de vida..., **Revista GEOSUL**, UFSC, Florianópolis, n.40, julho-dezembro de 2005, p. 7-26.

MINAYO, M.C.S.; HARTZ, Z.M.A.; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 7-18. 2000.

MSMAA – Ministros da Saúde e Meio Ambiente das Américas. **Documento para a segunda sessão. A saúde e o meio ambiente nas Américas**: questões que constituem preocupação comum e objetivos comuns possíveis. Ottawa: Organização Pan-Americana para a Saúde, 2002.

NEIMAN, Z. **A Educação Ambiental através do contato dirigido com a natureza.** 2007. Tese (doutorado) - USP / Curso de Pós-Graduação em Psicologia/ Área de Concentração: Psicologia Experimental, 2007.

NISHIDA, C.; UAUY, R.; KUMANYIKA, S.; SHETTY, P. The Joint WHO/FAO Expert Consultation on diet, nutrition and the preventions of chronic diseases: process, product and policy implications. **Public Health Nutrition**, Cambridge, v. 7, n. 1A, p. 245-250. 2004.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Constitution of the World Health Organization. Basic Documents.** Genebra: OMS, 1946.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Saúde nas Américas**, v. I – regional. 2007.

PHILIPPI, A. Jr.; MALHEIROS, T. F. Saneamento e Saúde Pública: Integrando Homem e Ambiente. In: PHILIPPI JÚNIOR, A. **Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável.** Barueri: Manole. 2005. Capítulo 1, p. 3-32.

Informações sobre os autores:

[1] Iahel Manon de Lima Ferreira – <http://lattes.cnpq.br/5615058964554054>
Farmacêutica; Mestranda em Ciências Médicas, área Clínica Médica, opção Investigação Biomédica, Divisão de Nutrologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP (Ribeirão Preto/2008); Especialização em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (Ribeirão Preto/2007-8); Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos pelo Centro de Recursos Hídricos e Educação Ambiental USP (São Carlos/2007-8); Programa de Aprimoramento Profissional em Farmácia Hospitalar pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina USP (Ribeirão Preto/2007-8); Graduação em Farmácia Industrial pela Fundação Hermínio Ometto Uniararas (Araras/2001-4).
Contato: iahelmanon@hotmail.com

[2] Solange T. de Lima Guimarães – <http://lattes.cnpq.br/6635058136218303>
Geógrafa, Mestre e Doutora em Geografia [Organização do Espaço, IGCE-UNESP, Rio Claro/SP]; Livre docente em Interpretação e Valoração de Paisagens. Docente do Depto. de Geografia – IGCE/UNESP, nos cursos de Pós graduação em Geografia, níveis mestrado e doutorado. Docente convidada do Curso de Especialização em Educação Ambiental, CRHEA/USP, Escola Engenharia de São Carlos (SP). Coordenadora do Laboratório de Interpretação e Valoração Ambiental do Depto. de Geografia. Editora das revistas OLAM e CLIMEP.
Contato: hadra@uol.com.br

[3] Carlos Eduardo Matheus – <http://lattes.cnpq.br/5897780538283627>
Possui graduação em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (1972), graduação

em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Prof José Augusto Vieira Machado (1976), especialização em Ensino de Ciências pela Universidade de Ribeirão Preto (1974), especialização em Metodologia do Ensino na Área de Ciências pelo Centro de Ensino Superior de São Carlos (1975), mestrado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (1984) e doutorado em Engenharia Hidráulica e Saneamento pela Universidade de São Paulo (1993) . Atualmente é Professor da Universidade de Taubaté e Biologista da Universidade de São Paulo.

Contato: matheus@sc.usp.br